

Qual a força da desaceleração da economia?

Fernando Sampaio
ECONOMISTA

Depois que o IBGE revelou que no primeiro trimestre o PIB brasileiro cresceu 2,7% sobre o quarto trimestre de 2009, um ritmo que corresponde a expressivos 11% ao ano, é natural que as pessoas se perguntam se o crescimento sustentará ritmo tão intenso a partir do segundo trimestre.

A avaliação praticamente unânime dos especialistas é que a economia já está desacelerando, e deverá exibir até o fim do ano e em 2011 velocidade bem menor do que na virada de 2009 para 2010. Esta constatação talvez surpreenda alguns leitores, o que

não ocorreria caso tais especialistas se expressassem, com maior frequência, de forma menos oblíqua. Mas quem projeta que o PIB fechará 2010 com expansão inferior a 10,3% está admitindo, mesmo que apenas de forma implícita, que o ritmo de crescimento irá arrefecer. E é muito difícil encontrar quem preveja que a economia brasileira crescerá 10% neste ano.

Por que o ritmo de crescimento estaria diminuindo? As razões são várias. A seguir indico três cujo peso parece estar sendo subestimado (razão pela qual a LCA projeta que o PIB fechará o ano com expansão ligeiramente inferior aos 7,1% esperados, em

média, pelas instituições que informam suas projeções ao Banco Central).

Um primeiro fator que deverá desacelerar o PIB é o provável encerramento da forte acumulação de estoques verificada no fim de 2009 e no primeiro trimestre de 2010 – processo associado ao desejo de diversos segmentos da indústria (com destaque para o automobilístico) de garantir disponibilidade de produtos antes do encerramento das reduções de IPI (que para os automóveis ocorreu no fim de março). Esse acúmulo de estoques teve impacto muito forte sobre os números do PIB no primeiro trimestre: descontada essa influência, o

crescimento sobre o quarto trimestre teria sido de 1,7%.

O fim das reduções de IPI está por trás de um segundo fator de desaceleração da economia. É evidente que es-

Muito difícil encontrar quem preveja que nossa economia crescerá 10% neste ano

ses estímulos temporários induziram os consumidores a anteciparem compras. E é natural que agora as vendas sofram um refluxo expressivo

(fenômeno que já se observa no mercado de carros novos).

O endividamento incorrido para tirar proveito dos benefícios na compra de duráveis é um terceiro elemento que poderá contribuir para a desaceleração do consumo e, portanto, do PIB. A LCA estima que hoje os consumidores comprometem, em média, 18% de sua renda mensal com o pagamento de obrigações financeiras. É uma proporção relativamente alta, que poderá levá-los, em breve, a moderar seu apetite para assumir novas dívidas.

Fernando Sampaio, além de economista, é sócio-diretor da LCA Consultores.